

SIMONE DE BEAUVOIR – O SEGUNDO SEXO

Paula Assis¹



Sendo o mês de março marcado pelo Dia Internacional das Mulheres, o presente artigo visa refletir sobre uma das obras mais consagradas da teoria feminista – O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir. A temática central do referido livro busca contestar a ideia de que as mulheres seriam representantes de um “segundo sexo”, ou seja, que estão relegadas a um lugar subalterno, quando pensadas de modo correlativo ao masculino. Desta forma, a autora visa demonstrar alguns processos históricos e sociais que contribuíram para naturalizar tal concepção distorcida em relação às mulheres.

Usaremos como base a primeira parte do livro, a qual leva o nome de Destino, que discute o feminino sob três aspectos: o ponto de vista biológico, o psicanalítico e a visão do materialismo histórico. Ao fazer essa discussão, a autora busca mostrar o quanto a concepção de feminilidade não passa de uma construção social e histórica que acaba por definir a mulher; sua função social e seu espaço na sociedade. Em pleno século XX, Beauvoir procura demonstrar que está maneira de limitar às mulheres a partir de certos estereótipos é ultrapassada e que precisamos repensar a permanência de tal subordinação.

Um dos argumentos utilizados para romper com tal submissão seria a superação de uma noção de feminilidade que corrobora para aprisionar as mulheres, ao preestabelecer através de mitos e fatos o destino das mulheres. A autora sustenta a afirmação que muitos desses mitos foram historicamente construídos pelo discurso dos homens, os quais criaram um ideal da mulher e do feminino adequado aos seus próprios interesses.

Daremos ênfase em discutir o ponto de vista biológico, pois esse discurso é propulsor dos outros temas centrais dessa parte do livro. Veremos adiante como o biológico vai influenciar as noções criadas sobre os aspectos

¹ Professora e Coordenadora de Sociologia do Colégio Estadual do Paraná; Conselheira editorial da revista Paideia.

psicanalíticos e de ordem psicológica e como afetam o ponto de vista do materialismo histórico. Ao rejeitarmos o discurso biológico, para discutir o feminino e o gênero, estamos evitando de cometer o deslize de transformar uma diferença biológica entre sexos em desigualdade social. Partimos do pressuposto de que os indivíduos são seres sociais, sendo assim, admitimos que os mesmos constroem sua identidade na vida em sociedade, seria reducionista pensar apenas nos aspectos biológicos.

A autora acredita que as mulheres são determinadas pelo biológico, na medida em que, ainda é muito presente nos discursos uma concepção de mulher atrelada às características fisiológicas. Sendo que, ao pensar na natureza das mulheres, são ressaltadas apenas características que as depreciam e que legitimam uma hierarquia entre sexos. Além disso, o uso desse discurso acaba por tornar imutável a condição feminina, afinal não temos como alterar a natureza dos indivíduos. Nesse caso, o corpo das mulheres acaba se tornando um elemento essencial para definir a situação que elas ocupam socialmente.

A propagação da ideologia proferida pelo determinismo biológico utiliza-se de argumentos para subjugar as mulheres criando noções culturais que condicionam suas existências a determinadas características, tais como: a maternidade, a fertilidade, os hormônios sexuais, o temperamento, entre outros. O que podemos perceber, é que esse status biológico cria obstáculos às mulheres que incidem nas relações sociais estabelecidas entre sexos.

Quando pensamos as diferenças sexuais, já podemos cair em noções equivocadas, demonstrarei apenas um dos questionamentos levantados pela autora, que indaga sobre qual sexo desempenha um papel de maior relevância para a espécie, aqui Beauvoir argumenta que a marca biológica mais marcante está na capacidade geradora das mulheres, ou seja, a maternidade. Decorre

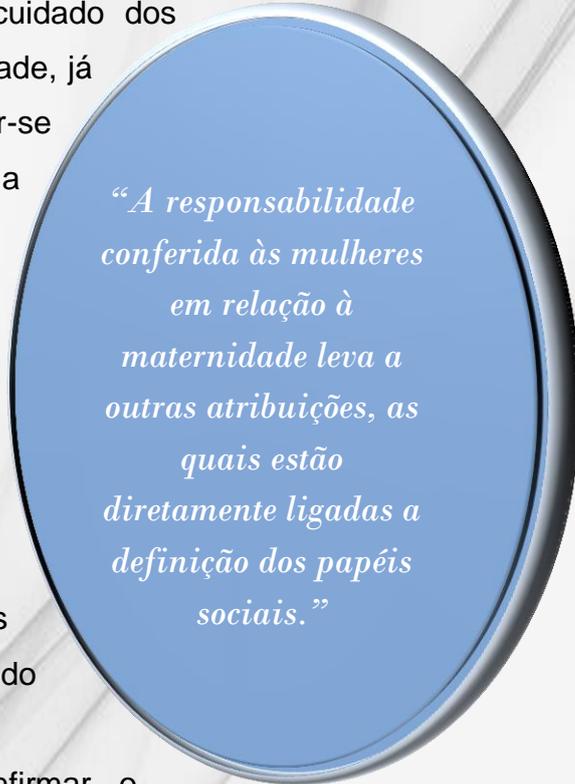


“Ao rejeitarmos o discurso biológico, para discutir o feminino e o gênero, estamos evitando cometer o deslize de transformar uma diferença biológica entre sexos em desigualdade social.”

de tal característica, que a condição feminina de gestação contribui para atrelar as mulheres determinadas atuações na vida em sociedade. Uma vez que, junto à maternidade, recaí sobre a mulher a responsabilidade da educação dos filhos – mesmo que tenhamos consciência de haver certa divisão social do trabalho quando tratamos da instituição família – é evidente que na realidade tal tarefa incida de forma mais severa sobre as mulheres. Uma das justificativas para se responsabilizar a mãe pelo cuidado dos filhos está relacionada à ideia de que o temperamento das mulheres esta diretamente relacionado aos efeitos fisiológicos causados pelos hormônios, que as predispõem ao que denominam de instinto materno.

Ocorre que a responsabilidade conferida às mulheres em relação à maternidade leva a outras atribuições, as quais estão diretamente ligadas a definição dos papéis sociais que os pais devem exercer na instituição família. O protagonismo das mães na educação e cuidado dos filhos acaba afetando sua posição na sociedade, já que o espaço por excelência para dedicar-se aos filhos é a casa. Em consequência disso, a esfera privada se torna o domínio das mulheres, resultando de tal definição também a responsabilidade pelos afazeres domésticos. Tal fato pode se confirmar pelos fatos históricos, se observarmos que a participação feminina na esfera pública é recente. Podemos também perceber isso na pequena participação das mulheres em áreas de produção intelectual e artística quando comparadas aos homens.

Através do exposto, podemos confirmar o quanto o corpo das mulheres vem sendo usado para estabelecer desigualdades. Beauvoir propõe desconstruir concepções dicotômicas que definem o masculino e o feminino, na medida em que essas estabelecem limites para a construção de relações sociais mais simétricas. Reconhecemos que nos últimos anos os direitos das mulheres foram ampliados, principalmente no que diz respeito à participação na esfera pública. Não obstante, ainda presenciemos disparidades entre gêneros, que evidenciam que a supremacia



“A responsabilidade conferida às mulheres em relação à maternidade leva a outras atribuições, as quais estão diretamente ligadas a definição dos papéis sociais.”

masculina continua sendo reproduzida em vários âmbitos sociais. Desta forma, o debate levantado pela autora é fundamental para que possamos combater as desigualdades que ainda são parte de nosso cotidiano.